

CIÊNCIA & CULTURA

Contra os nostálgicos do pelourinho

■ O artista plástico Adão Pinheiro quer que os negros do Brasil tenham postura mais nervosa, fixada no presente

Os negros no Brasil precisam adotar uma postura mais nervosa, devem se fixar no presente e não se ater somente na história do seu passado, pois corre-se o risco de virar folclore". Ideias polêmicas e pouco "engajadas" como esta não falam ao artista plástico Adão Pinheiro, que hoje divide seu tempo entre Pernambuco e países como a França, a Suíça e os Estados Unidos, onde em maio deverá realizar uma exposição em Washington, capital norte-americana. As vésperas deste novo trabalho, o pintor fala de movimentos negros do Brasil e do Exterior e também de arte e cultura.

"Não estou a fim de discurso de ressentimento. Existe muita falta de imaginação nos movimentos negros", argumenta o artista, reforçando que, no Brasil, qualquer negro que se movimenta e se organiza. Para ele, "negritude" é apenas uma forma de perceber diferenças. "Disso ou tiro vantagens", garante. Sobre cultura e arte pernambucanas, Adão Pinheiro tem opiniões também definitivas. O artista conta que, na gestão do prefeito Luiz Freire, em Olinda, apresentou uma proposta de política cultural para o município. Foi então que sentiu de perto o preconceito da quatrocentona cidade.

As críticas foram muitas. Acusações de que havia muitos negros na Prefeitura e "negros que puxam fumo" não faltaram. "Olinda esconde um rosto burguês, branco, reacionário", dispara Adão Pinheiro. Nesta entrevista, o artista fala

de trabalho, preconceito, arte, militância e sobre a realização do 4º Congresso Afro-Brasileiro, que acontece entre os dias 17 e 20 de abril, numa promoção da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj).

Preconceito e Militância — Segundo Adão Pinheiro, o preconceito racial se manifesta no mundo inteiro, só mudam as formas de expressar. Episódios não faltam. Na França, onde ganhou bolsa do governo francês, foi barrado na porta de um hotel; no banco, ao fazer um depósito de dinheiro recebido por uma exposição, sentiu que os guardas da segurança ficaram de prontidão. Na Suíça, a impressão era de que as pessoas tinham medo dele.

"Eu só descobri que era negro bem tarde, foi quando fui barrado. E, na verdade, comecei a gostar disso", diz Adão. Em Washington, ele se sentiu em casa. "Lá me descobri tendo reações engraçadas e preconceituosas em relação aos brancos", conta o artista, que é casado com uma branca. A organização do movimento negro americano o surpreendeu e o entusiasmou.

"Nos Estados Unidos, a ascensão social do negro é mais fácil, porque temos acesso aos meios técnicos, que são as universidades", afirma.

No Brasil, os negros de destaque ainda são jogadores de futebol e sambistas, acredita Adão, que aposta na organização dos negros no Primeiro Mundo. "O poder de decisão do negro na sociedade americana é crescente".

Trabalho e Cultura — "Artista não deve ter apoio estatal, não foi



Foto: Fundaj

Pinheiro: "Existe muita falta de imaginação nos movimentos negros"

feito para pintar mural e não deve ser servido como sobremesa", critica o artista. Pernambuco, para ele, está em processo de decadência cultural há mais de 10 anos. "É preciso um choque cultural", sugere. Choques culturais não faltaram na carreira de Adão Pinheiro. Desde que se lançou como artista plástico, em 1956, Pinheiro sempre inspirou-se nos temas nordestinos e na cultura negra. Participou do ateliê coletivo com Abelardo da Hora,

fez cenários para o teatro de Hermilo Borba Filho e para o cinema. Seu trabalho de maior destaque foi com o cineasta Joaquim Pedro de Andrade, para o filme *O Homem do Pau Brasil* (1981), sobre a obra e a vida de Mário de Andrade. "Trabalhamos um ano para captar a atmosfera do Modernismo", lembra.

Congresso Afro-Brasileiro — Adão Pinheiro encara com otimismo a realização do 4º Congresso Afro-Brasileiro. No encontro que teve com os organizadores do evento — Fátima Quintas, João Hélio Mendonça e Tânia Lima —, fez muitas sugestões de nomes in-

ternacionais para compor as mesas de debates, a exemplo dos norte-americanos John Mason e Katherine Duran.

Ele não sabe se vai participar do congresso por conta da realização de sua exposição, mas deu apoio e ressalta a importância do encontro. "O importante é que as conclusões tiradas e as pessoas que participem tenham o compromisso com mudança", finaliza.

O rosto feminino da sociedade colonial

A sociedade brasileira dos séculos 18 e 19 no Brasil mantinha os mesmos moldes da fase colonial, mesmo com alterações nos comportamentos as famílias eram regidas pelo homem, que também determinava o que era bom ou mal, e que destino cabia aos integrantes de um grupamento familiar. Para as mulheres o destino e a sorte não podia ser considerado dos melhores.

Numa época onde valorizavam-se a pureza e castidade feminina, de casamentos arrumados e pressões familiares a mulher poucas saídas tinha. A professora da Unicamp, Leila Mizan Algranti está lançando *Honradas e Devotas* (editora José Olympio) e conta as amarguras e histórias de mulheres do meio do século 18 e 19 que, por imposição familiar ou vontade própria encontraram nas instituições de reclusão um meio de escapar dos tormentos.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO — Como nasceu o livro?

Leila Algranti — Na verdade ele surgiu quando estava pesquisando um outro tema e quando comecei a ler um material do intendente do Rio sobre os conventos e locais de reclusão decidi que o tema seria ótimo.

DP — Qual o papel que exercia, na época, o intendente?

LA — Era uma espécie de prefeito da cidade, por ele passavam todos os pedidos dos moradores e em seus relatórios mencionava os pedidos de pessoas

mente mulheres de classe abastada que eram reclusas. Naquela época haviam várias instituições, muitas não religiosas, que também funcionavam em conventos, mas naquela época funcionavam sem autorização do Papa e do rei de Portugal. Os casos de reclusão ficavam restritos somente a partir da honra ou guarda dela, mas as mulheres iam para lá para fugir dos maridos, pais e pressões exercidas sobre ela. Outras entravam na reclusão por iniciativa própria, por quererem servir a Deus.

DP — São poucos os relatos das reclusas?

LA — A maioria da documentação é oficial ou quando muito familiares das reclusas, existem registros de algumas delas, mas são poucos.

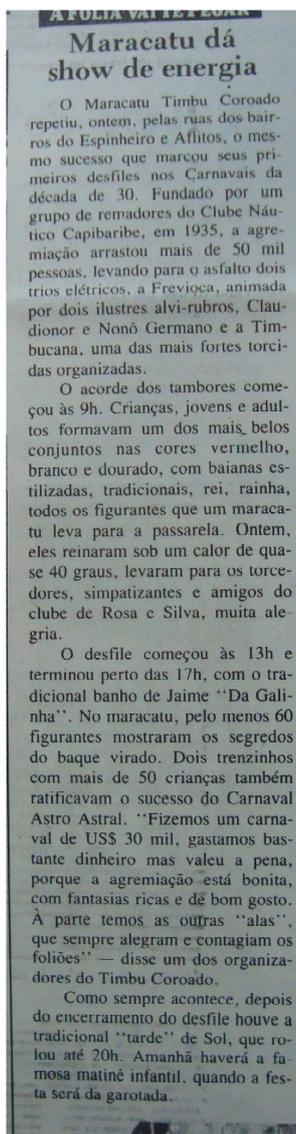
DP — Quais as fontes consultadas?

LA — Grande parte do material é da Biblioteca Nacional. Também centrei as pesquisas nas instituições do Rio, São Paulo e Minas Gerais, muitas nem existem mais. A ideia era tem que perder uma ideia, a ideia que as mulheres daquela época eram submissas, passivas, e a ideia que meu trabalho mostra.

DP — Houve algumas mulheres que a atraíram mais?

LA — A grande personagem que abre o livro é Joana, filha de Afonso V, rei de Portugal. Das versões contadas pela história, a ideia é de que ela foi escolhida a ser reclusa. A história, de legendaria, conta que seu casamento foi anulado e ela foi enviada para o convento de São





Maracatu

Nos fins do século passado, F. Pereira da Costa registrava, no seu *Folk Lore Pernambucano*, a extinção gradativa do maracatu, pela redução dos seus participantes. Fruto da resistência diante da escravidão que separava os negros dos seus reis e seus usos e costumes, o maracatu passou a declinar quando, no processo gradual da escravidão, os escravos iam pouco a pouco recuperando sua liberdade.

Um século se passou e os maracatus não só aumentaram em número como cresceram em quantidade de participantes. Outrora formado pelo elemento negro, o maracatu foi se embranquecendo e hoje congrega todos os tipos humanos: negros, brancos, mestiços e índios.

Teria o crescimento do maracatu alguma coisa a ver com a manutenção pelo Povo das suas tradições do tempo do Império? Tem tudo a ver, respondeu-me o integrante negro de um maracatu. Com o Império, continuou ele, teríamos coisa melhor do que temos agora. Certamente, confirmou o rei, sentado ao lado de sua coroa e seu longo manto. Lembremo-nos de que os negros também provinham de monarquias. Não tivemos aqui em Pernambuco um rei negro? — **Laura Bastos — Recife**